

Indisciplina no Contexto Educacional

Floripes Ester Ferreira Bueno dos Santos

**florbueno024@gmail.com
Faculdade Tecnologia Paulista**

RESUMO: Todo ser humano vai se construindo de acordo com o que aprende durante a vida. Deste modo, há a modulação do entendimento sobre o que seriam comportamentos e valores éticos. Há cuidados na formação do professor quando a relação entre crianças e adultos é conduzida pela reciprocidade e respeito. Antes de atribuir a culpa ao aluno, a família, a turma ou a sociedade ou agir de forma punitiva ou arbitrária diante da indisciplina, poderia sim refletir sobre a prática, planejamento, execução, atividade, metodologia do trabalho, arranjos da turma, condições de trabalho, tanto do aluno quanto do professor. Sabendo que a indisciplina existiu e sempre existirá, usar de estratégia e dominar os conteúdos é possível transformar e nos transformarmos à medida que nos mobilizarmos por aquilo que nos afeta. Isso precisa ser feito cotidianamente em coletividade no contexto escolar.

Palavra-chave: Indisciplina, professor, escola.

ABSTRACT: Every human being is built according to what he learns during his life. In this way, there is a modulation of understanding about what ethical behavior and values would be. There is care in teacher training when the relationship between children and adults is driven by reciprocity and respect. Before attributing blame to the student, family, class or society or acting in a punitive or arbitrary manner in the face of indiscipline, about the practice,

planning, execution, activity, work methodology, class arrangements, working conditions, both student and teacher. Knowing that indiscipline existed and will always exist, use strategy and master content is possible to transform and we transform as we mobilize for what affects us. This needs to be done daily in collectivity in the school context.

Keyword: Indiscipline, teacher, school.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar que muitos professores precisam rever a ideia de indisciplina e o que existe por trás dela.

A ideologia empregada no desenvolvimento deste trabalho esta embasada nos ensinamentos do Filósofo Paulo Freire (1996), a formação permanente dos professores é pensado criticamente e na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Com isso, o professor precisa estar sempre a avaliar-se não sendo o detentor de todo o conhecimento.

Todavia pelo poder avaliativo que possui considerar o comportamento inadequado do aluno, sendo o motivo para que não possa desempenhar o trabalho pedagógico com sucesso.

No entanto o professor com suas metodologias precisam desenvolver conteúdos atitudinais, conceituais e procedimentais que irão levar os alunos a ser alguém comprometido com a escola e a sociedade.

2. INDISCIPLINA E O CONTEXTO EDUCACIONAL

2.1 MORAL E ÉTICA

De acordo com Luciene Tognetta, do Departamento de Psicologia Educacional de Faculdade de Educação da Unicamp, em uma pesquisa feita em 2002 com 120 universitário Montserrat Moreno e Genoveva Sastre, da Universidade de Barcelona, indagou sobre o que eles tinham aprendido de útil na escola, quando pequenos para resolução de conflitos na vida adulta. Apenas 3% apontaram que os professores lhe ensinaram atitudes e formas específicas de agir. Segundo Tognetta, “esses resultados certamente são próximos da realidade brasileira”. Ao se comparar o nosso estilo de ensinar, onde o professor não dá valor ao currículo oculto, não levando em conta o sentimento do estudante, seus desejos e suas compreensões.

Segundo Ana Aragão, da Faculdade de Educação de Universidade de Campinas Unicamp, Indisciplina é a transgressão de dois tipos de regras: “O primeiro é as morais construídas socialmente em base a princípios que visam o bem comum, ou seja, em princípios éticos. O segundo são as convencionais, definidos por um grupo com objetivos, ou seja, conversas em salas de aulas, uso de celulares”. De acordo com Aragão “não é fácil distinguir entre moralidade e convenção. As crianças não enxergam a utilidade de um regimento ou dos famosos combinados que não se sustentam. Elas não sentem necessidades de respeitá-los e até acabam se revoltando contra essas normas”.

Segundo “Aragão,” é preciso uma movimentação contínua de construção e reavaliação de regras e o respeito a elas é a base de todo convívio em sociedade. Mas sem a ajuda do professor a criança não aprende o verdadeiro sentido que elas têm. Da mesma forma que os conflitos nunca vão deixar de existir na vida em comunidade. no contexto escolar, os conflitos também não irão desaparecer. Saber lidar com os conflitos faz com que os professores consigam trabalhar melhor. As questões ligadas à moral e à vida em grupo devem ser tratadas como conteúdos de ensino. Caso contrário, corre-se o

risco de permitir que as crianças se tornem adultos auto centrados e indisciplinados em qualquer situação ,incapazes de dialogar e cooperar.

De acordo com Tognetta (2009),”Esperar que os pequenos de modo espontâneo, saibam se portar perante os colegas e educadores é um engano, é abrir mão de um dever docente”.

De acordo com Mário Sérgio Cortella (2014),

“Conversa sobre civismo educação moral e convicção ética tem que aparecer em Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia, ou seja, é preciso entrar no conjunto da programação”. “Muitos confundem educação com escola. Escola é uma forma de educação, educação é conduzir, conduzindo assim cada indivíduo, desde criança a tornar-se humano, formar-se humano, ser humano” segundo Cortella, “não nascemos prontos, temos que ser educados. Educação é tudo que nos molda, orienta, nos organiza em nossa trajetória.”

Para o professor Sérgio Kodato, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e Coordenador do Observatório da Violência e Práticas Exemplares de Ribeirão Preto ,o problema da violência escolar é histórico ,crônico e grave, mas pode ser revertido. Segundo Kodato, é preciso haver muita vontade e investimento estrutural, tecnológico e emocional.

Há escolas que aparecem galerias de artes e outras, verdadeiros pavilhões de presídios. Onde será que há mais violência? ’, provoca Kodato, também autor do livro O Brasil fugiu da escola: motivação, criatividade e sentido da vida escolar.

Ele entende que o investimento do Estado e a gestão são pontos cruciais do problema. ”Quando o gestor é atuante ,quando ele vai à sala de aula e conhece a realidade de perto, consegue manejar os relacionamentos, reduzindo a violência’ ’destaca. Na via contrária, explica, um gestor omissos faz os índices de

agressões subirem. Da mesma forma, quando as secretarias de Educação investem em tecnologia e capacitação, os níveis educacionais melhoram.

Se a escola não está próxima e pensando no aluno, elevam-se os casos de criminalização de episódios de indisciplinas. “Muitas escolas abdicam de sua responsabilidade de cuidar da questão da indisciplina, tornando isso crime” aponta Sérgio Kodato. Afirmar que a Gestão tem o potencial de mudar essa situação não é criticar o gestor da escola ou o professor, garante o psicólogo: eles também sofrem com o declínio de autoridade do educador, com a perda do manejo em sala de aula e da capacidade de mediação de conflitos.

2.2 O PROCESSO EDUCATIVO

Segundo Paulo Freire (2015) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Lamentavelmente, o processo educativo ainda está centrado na transmissão de informações para formar e desenvolver emaranhados blocos de informação. Às vezes fragmentados, desconectados das atitudes adequadas para fazer uso dos conceitos como ferramentas para enfrentar a vida e as relações. Essa sobrecarga de informações contribui à desorientação cognitiva pelo acúmulo e a afetiva pela perda da motivação e da intencionalidade com o conhecimento na rebeldia e não na resignação, que o adolescente se afirma diante das injustiças. Não deixando de considerar que a violência extraclasse não é apenas econômica, mas, também social, política e psicológica.

Na maioria das vezes é silenciosa invisível e persistente nas diferentes relações do cotidiano social. Todavia para Freire a rebeldia é o ponto de partida para a denúncia da situação desumanizante pela indignação, mas por si só não é suficiente.

A mudança no mundo implica, além da denúncia, o anúncio da superação. Ou seja, a rebeldia deve ser vista como forma de ser no mundo que traz à tona as injustiças, devendo ser utilizada para motivar a mudança.

Cabe à escola reconhecer que às vezes o aluno se rebela necessariamente, e o que leva seu aluno ou adolescente a se rebelar é a forma de resistência e de querer o novo, a mudança, o que deveria ser visto como extremamente positivo essencial para o desenvolvimento de sua autoestima como sujeito de suas ações, e não como puro objeto a ser educado e moldado de acordo com o desejo do professor.

As regras colocadas nas escolas não devem ser apenas obedecidas. É importante que elas sejam discutidas e construídas por todos para que façam sentidos e dessa forma possam ser seguidos. Faz-se necessário também propiciar um acolhimento dos conflitos para que possam efetivamente construir outra educação e outra escola. Não escolhemos as pessoas que temos de compartilhar, o espaço da escola. Da mesma forma que os professores não escolhem os seus alunos, estes também não escolhem seus professores. Por isso, é importante aprender a respeitar e ser respeitado.

Ensinar exige bom senso e tem uma importância enorme na avaliação que a todo o momento é feito, deve fazer a minha prática. A tarefa docente nos leva a tomarmos decisões que muitas vezes não condiz com o nosso perfil. Ao confundir autoridade com autoritarismo, licença com liberdade. Ter bom senso é se esforçar de não diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

3. COMO LIDAR COM A INDISCIPLINA

De acordo com Freire (2015), “Sou Professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. Freire acredita que umas das qualidades essenciais que autoridade coerente democrática deve revelar em suas relações com as

liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É segurança que se expressa na firmeza, com que atua, com que decide, com que respeite as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação ,no silêncio dos silenciados mas no alvoroço dos inquietos ,na dúvida que instiga ,na esperança que desperta”. Segundo Freire o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações.,visando construção da boa disciplina.

A autoridade docente em sala de aula exerce juntamente com a competência profissional. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. O professor que não leve a sério a sua formação, que não estuda que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.

Para Libâneo, (2013),quando falamos em “direção pedagógica” não significa, “direção autoritária” ou um excessivo controle, mas uma ação decidida do professor no sentido de estimular nos alunos qualidades e atitudes necessárias ao estudo ativo independente, como curiosidade científica, atenção Constância, disciplina, interesses etc...

Saber como o ser humano se desenvolve moralmente é essencial para encontrar as raízes da indisciplina. Antes de entender porque precisam agir corretamente, as crianças pequenas vivem a chamada moral heterônoma, ou seja, seguem a risca regras ditada por terceiros, sem usar a própria consciência para reelaborá-las de acordo com a situação. Por exemplo: se elas sabem que não devem derramar água no chão, julga o fato um erro nos casos de um acidente. Nessa fase a autoridade é fundamental e para um bom funcionamento para o bom andamento das relações.

Por volta dos Nove anos, abre se espaço para a moral autônoma, quando o respeito mútuo se sobrepõe a coação. Mas a mudança não é mágica. Segundo o cientista suíço Jean Piaget (1896-1980) questionava a possibilidade de a criança adquirir essa consciência se todo dever sempre emana de pessoas superiores. Assim é possível dizer que a autonomia só passa a existir quando as reações entre crianças e adultos (e delas com elas mesmas) são baseadas, desde a fase heterônoma, na cooperação e no entendimento do que é ou não moralmente aceito e porque, sem isso é natural que conforme cresçam, mais indisciplinados fiquem. Partindo desse pressuposto a atuação inadequada em sala de aula só tem a agravar a indisciplina. E a autoridade do professor perante a classe só é conquistada quando ele domina o conteúdo e sabe lançar mãos de estratégias eficientes para ensiná-los.

Segundo o psicólogo Alfred Alder (1870-1937), "A educação se reduz ao ato de o aluno transcrever o que está no caderno do professor sem que nada passe pela cabeça de ambos". A escola é sem dúvida a instituição do conhecimento.

4. DIVIDINDO RESPONSABILIDADES

Segundo Santos, et al, (2015) a escola reflete em seu espaço os problemas e tensões das esferas econômica, social, política, emocional e afetiva. E grandes partes dos comportamentos indisciplinados estão relacionadas a questões familiares. Porém, esses pais atribuem à falta de tempo de educar seus filhos e acompanhar na vida escolar.

No entanto o papel do professor está mais abrangente, devendo estar atenta às capacidades cognitivas, físicas e afetivas, tendo um compromisso maior com o projeto pedagógico e com a motivação de seus alunos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares (PCNS), ética é um dos valores transversais, que tem como preocupação em trazer os valores éticos ao Ensino

Fundamental. É de suma importância desenvolver valores éticos presentes no meio social e na construção dos princípios que regem a convivência humana. O professor pedagogo Celso Vasconcellos criou o termo Síndrome do Encaminhamento para designar a transferência de responsabilidades do professor para coordenação ou direção. Mas isso não é apenas uma questão de responsabilidades, é também um caso de impotência e geração de mais indisciplina. O professor quando não consegue conter os ânimos na sala de aula encaminhando o aluno à sala da direção ou coordenação demonstra o quanto é impotente, inseguro, não domina a sala e fraco. Com isso deixa transparecer para os alunos que os mandando para as diretorias não surtirão efeitos, a não ser em casos de expulsões que pedagogicamente não são recomendados.

“No entanto, o aluno queria sentir a firmeza do professor”.
E como não sentiu o que vai acontecer? Muito provavelmente, esse aluno vai de novo, ter outro ato indisciplinar para sentir essa segurança. Se de novo o professor o encaminhar, entra-se num ciclo vicioso...
”(VASCONCELLOS, 2013)

O papel da escola, a nosso ver é de preparar os alunos aos exercícios de suas responsabilidades, na prática cotidiana institucional com seus direitos. É mais do que transmitir valores, mas exercê-los. Vários são os professores que ao saírem da lógica da submissão conseguem transmitir o conhecimento educando e socializando para a construção de uma cidadania mais comprometida com a não violência.

Todavia, o aluno é o núcleo do processo educativo e, a partir dele e para ele que toda a educação precisa estar pensada. A escola deve ter um Projeto Político Pedagógico que contemple questões relacionadas a indisciplinas. O

currículo da escola deverá conter valores necessários a boa convivência entre professores, alunos, direção, coordenação, famílias, pessoal de apoio, enfim, ao bom convívio e harmonia entre todos os envolvidos na formação da educação e inserção do indivíduo na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que dentro da instituição o papel do professor é exercer uma função formadora, vale salientar que sem encanto e esperanças, talvez seja uma utopia, é muito difícil de continuar. Vamos sendo transformados e transformaremos o outro à medida que nos deixarmos nos mobilizarmos por aquilo que nos afeta.

A expressão dos sintomas sobre a indisciplina nos ensina algo sobre as histórias vividas dentro de um contexto que é possível mudar. Em 1995, os Estados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO) decidiram que a Organização deveria investir esforços em direção à Cultura de Paz. O período de 2001 a 2010 foi a “década por uma cultura de paz e Não Violência para as crianças do Mundo”, que deveriam ser coordenados pela UNESCO e o relatório “Educação: um tesouro a descobrir”, de 1996 organizado pela Comissão Internacional de Educação para o Século 21, onde foi sugerido que a educação formal e informal deveriam ser baseadas nos quatro pilares do conhecimento, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos.

Os pilares do conhecimento nos ensinam que a cultura de paz deve ser construída pelos seres humanos norteados pela ética, pela solidariedade e pela justiça social. Por isso a cultura de paz é capaz de resolver conflitos de forma não violenta, mas por meio do diálogo, da negociação e da mediação e é capaz

também de prevenir inúmeras expressões de violência pautadas em desigualdades étnico-culturais, de gênero, de geração e de classe social.

Mas é fundamental ressaltar que, para construirmos uma cultura de paz nas escolas, é necessário que o governo amplie e fortaleça a educação integral investindo em recursos humanos, materiais financeiros capazes de melhorar a educação pública, mas é necessário também que cada ator da comunidade escolar seja protagonista no processo de desconstrução da violência.

Afinal, disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor, mais os alunos darão valor às suas exigências. A escola também deve propor atividades que ajudem a forma/reforçar vínculos entre seus agentes (alunos, professores, servidores e gestores)

Auto avaliar-se isto é, estar sempre aberto a reverá as ações, seja pessoalmente ,seja da escola como um todo, e usar os dados levantados para desenvolver o potencial de todos, melhorando a convivência escolar.

O trabalho é árduo, mas é preciso que o trilhemos com perseverança, pois, como Gandhi já nos esclareceu: “não existe um caminho para a paz, a paz é o caminho!”

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 52º ed-Rio de Janeiro: Paz e Terra,2015.

CORTELLA, M.S., **Pensar bem nos faz bem!**: 1.Filosofia, religião, ciência e educação.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Ferraz&Cortella, 2014.

AMPARO, D. M.(et al), **Adolescência e Violência: Intervenções e estudos clínicos, psicossociais e Educacionais** 388 p.: 23cm.

VALDEZ, D., **O psicólogo e o contexto Escolar**. Revista Educação Infantil Pátio. Ed Artmed. Ano IX. 26. p. 32. ISSN 1677-3721. Jan/Mar. 2005.

SANTOS, C.M; SANTOS, J.O. **A Indisciplina no Contexto Escolar.** Uma abordagem psicopedagógica. Revista de Educação e Saúde. v.5.p.46-53. Pombal-PB. Abr/Jun. 2015.

<http://emefprofidelcyspereira.blogspot.com/p/projeto-indisciplina-e-convivencia.html>

Indisciplina. Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. Revista Nova Escola-10/08/2009. Tarso Araújo–Revista Nova Escola, outubro de 2009, Ed.226. Publicação. Nova Escola Capa 10/2000.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina e Indisciplina na Escola.** Revista Presença Pedagógica. V.9. n112. P5-13. BH. Minas Gerais. set/2013.

Didática / José Carlos Libâneo, 2ed - São Paulo: Cortez,2013. ISBN 978-85-2491603-8

ROMÃO/J. **O Dificil E Necessário Caminho Para O Entendimento.** Revista Pátio. Uma publicação trimestral do Grupo A Educação S.A. Ano V Nº18 Setembro/Novembro 2013.